



BOLETIM DE MONITORAMENTO MENSAL

Cenáriosmacroplan

EDIÇÃO ESPECIAL MUNDO

Japão: os impactos do desastre natural e nuclear

No último mês de março, a Terra teve um de seus piores desastres naturais e o Japão foi atingido pelo maior terremoto de sua história, seguido por um tsunami que varreu uma vasta área da costa nordeste do país. Com uma força equivalente ao poder de 30.000 bombas de Hiroshima, os estragos foram imensos e a situação de calamidade foi potencializada pela explosão de uma usina nuclear e vazamento radioativo na província de Fukushima, 270 quilômetros ao norte de Tóquio.

Análises indicam que, por conta da catástrofe, as perdas provocadas pelo terremoto no Japão ascendem a mais de US\$ 300 bilhões, algo entre 5% e 6% do PIB do país¹. Em vários setores produtivos, a interrupção da parte japonesa da cadeia global de suprimentos mostrou seus impactos, que serão tanto maiores quanto mais tempo o país não normalizar sua oferta de energia.

A partir do desastre natural e da crise nuclear, muitas incertezas foram geradas, porém pode-se identificar algumas tendências. Quatro delas merecem especial atenção:

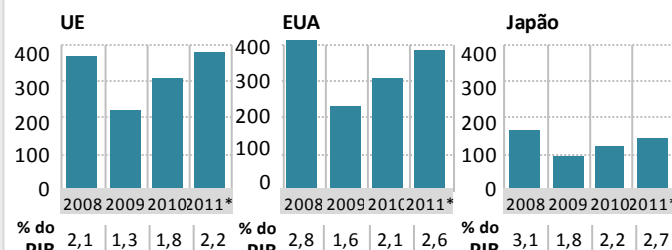
1. Desaceleração da recuperação econômica mundial, com possíveis impactos no Brasil. O Japão é um importante motor da economia global, sendo o quarto maior importador do mundo, com o terceiro maior PIB, superior a US\$ 5 trilhões. O país que, já tinha registrado uma queda de 0,3% no seu PIB no último trimestre, deve apresentar nova retração no primeiro trimestre de 2011. Os impactos devem ser sentidos

na indústria – sobretudo de alta tecnologia –, no comércio mundial, nos investimentos e no setor financeiro, como o de seguros, que deverá pagar apólices que somam mais de US\$50 bilhões². Diversas fábricas, mesmo as não atingidas pelo tremor, tiveram de reduzir sua produção ou mesmo foram temporariamente fechadas pelo racionamento de energia decorrente do tremor. Tais fechamentos podem gerar problemas no fornecimento de peças para diversas outras fábricas no mundo causando interrupção em cadeias produtivas.

Para o Brasil a situação exige cautela, pois calcula-se que o estoque de investimentos de carteira dos japoneses em ativos brasileiros seja entre US\$ 70 bilhões a US\$ 80 bilhões³. Em 2010, o país foi o sétimo principal investidor no setor produtivo brasileiro com 4,7% do total e espera-se que tais investimentos tenham seu ritmo diminuído em 2011.

GASTO ANUAL COM IMPORTAÇÕES DE PETRÓLEO

Em US\$ Bilhões



Fonte: Agência Internacional de Energia.

* Presume-se que o preço médio seja US\$ 100 por barril

[1] O aumento da incidência dos desastres naturais" (Estadão, 28/03/2011)

[2] "Indústria parada pode prejudicar cadeia global" (Valor Econômico, 14/03/2011), "Efeito Japão se espalha na economia" (Valor Econômico, 15/03/2011) e "Efeito Japão na economia global" (O Globo, 12/03/2011)

[3] "Incerteza cresce com o temor de desastre nuclear no Japão" (Valor Econômico, 16/03/2011) e "Risco nuclear assusta mercados" (Valor Econômico, 16/03/2011)

2. O acidente terá um enorme impacto sobre a indústria nuclear, dentro e fora do Japão. O grande dilema nuclear emergiu: para a melhor segurança nuclear não é preciso apenas um bom planejamento e engenharia, é preciso de responsabilização, transparência e instituições de confiança para a administração de crises. As falhas do Japão tornaram mais evidente que as nações desenvolvidas podem não estar conduzindo bem o uso desse tipo de energia.

O USO DE ENERGIA NUCLEAR EM DETERMINADOS PAÍSES

	Reatores		Participação nuclear na matriz (em %)
	Em operação	Planejados	
EUA	104	9	20,2
China	13	50	1,9
Japão	55	12	29,0
Alemanha	17	0	26,1
Reino Unido	19	4	17,9
França	58	1	75,2
Brasil	2	0*	3,0
Índia	20	18	2,2
Rússia	32	14	17,8
Canadá	18	3	14,8
Coreia do Sul	21	6	34,8
Total no Mundo	443	158	15,0

Fonte: World Nuclear Association.

* 1 reator em construção e 4 propostos

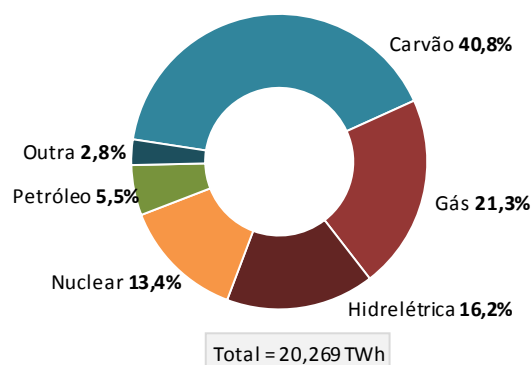
Como consequência, governos em todo o mundo estão re- vendo seus planos em relação à utilização da energia nuclear, particularmente a China, que liderou o ressurgimento atômico nos últimos anos. Nos EUA, onde 104 usinas respondem por quase 20% do consumo de eletricidade do país, crescem as pressões de ambientalistas contrários aos planos do presidente Obama de aumentar a participação de tal tipo de energia na matriz americana, dentro de seu projeto de desenvolvimento de maior uso de energias limpas. Em 2010, ele anunciou mais de US\$ 8 bilhões em garantias federais a empréstimos para a construção da primeira usina nuclear nos EUA em quase 30 anos.⁴ Entretanto, a decisão sobre o futuro atômico deve ser tomada longe dos acalorados debates, analisando os prejuízos ocorridos e benefícios de uma matriz energética que oferece energia confiável, quando aplicado o devido padrão de segurança e sem a emissão de gás carbônico.

3. Gás natural, carvão e outras fontes de energia serão mais demandados no curto prazo, como forma de compensar a indefinição em relação à energia nuclear. Com essa transição, deverão surgir questionamentos sobre a conveniência dessas e outras formas de se produzir energia, o que implicará um grande esforço de inovação em matrizes energéticas renováveis, como álcool de segunda geração, gás de xisto, florestas energéticas e carvão limpo.

Em um cenário onde a demanda por energia cresce, ao mesmo tempo em que a sociedade demanda que tal energia venha de matrizes cada vez mais limpas, os investimentos destinados a pesquisas sobre fontes alternativas de energia e a ao aumento da eficiência energética devem aumentar consideravelmente. Porém, como os resultados de tais pesquisas viriam apenas no médio/longo prazo seria inevitável que a curto prazo a matriz energética da maioria dos países permaneça com os mesmos, ou até maiores, níveis de fontes “sujas”. Como a oferta de tais fontes é cada vez mais escassa, seus preços devem apresentar expressivos aumentos. Na Alemanha, após anúncios contra a energia nuclear e a paralisação de sete reatores alemães, o preço da eletricidade no país para entrega em abril, considerado termômetro para os demais preços na Europa, subiu 17,9%⁵.

O Brasil, por outro lado, pode ser favorecido em tal contexto, por apresentar uma matriz energética limpa, abundantes reservas de energias não-renováveis e ser um dos principais líderes mundiais na produção de bicombustíveis, que por sua vez teriam grandes incentivos, vencendo barreiras alfandegárias e ecológicas, em um mundo com menores e mais caras opções energéticas.

PRODUÇÃO MUNDIAL DE ELETRICIDADE



Fonte: Agência Internacional de Energia, 2010.

4. A gestão de riscos e a elaboração de planos de ação em situação de crise passam a ser cada vez mais importantes no campo da administração estratégica. O desastre reforçou as estatísticas de catástrofes naturais nos últimos anos. Em um período de dois anos, terremotos de alta magnitude abalaram o Haiti e o Chile, e inundações afetaram o Paquistão, a África Ocidental, o Sri Lanka, Austrália e Brasil.

A questão central é que está ocorrendo um incremento da incidência de grandes desastres naturais, o que sugere que é tempo de focar não apenas nos esforços imediatos de assistência no pós-desastre, mas também em como reduzir a

^[4]“Vazamento ameaça planos de expansão da energia nuclear” (Valor Econômico, 14/03/2011)

^[5]“China suspende construção de novas usinas nucleares” (Folha de S. Paulo, 17/03/2011) e “Países da Europa suspendem o uso de energia nuclear” (Folha de S. Paulo, 15/03/2011)

vulnerabilidade a que ficam expostos territórios e populações. Os governos e as organizações internacionais terão que desenvolver maior capacidade de prevenir, mitigar e reparar os efeitos dos acidentes da natureza. O Japão, a despeito da magnitude do desastre, é um bom exemplo de como coordenar tais coisas, sendo notável o quão bem o país lidou com fatores como as medidas de alerta a população, resgate e auxílio aos sobreviventes e a velocidade de reconstrução nas áreas afetadas, especialmente em comparação com o ocorrido em situações semelhantes em outras nações.

Os acontecimentos também reforçam a idéia de incluir nas análises de riscos macroeconômicos uma medição da propensão de países a sofrerem desastres naturais e da proporção que esses desastres podem assumir na economia estudada. Levando assim em consideração os resultados da crescente incidência e custos dos desastres naturais.

Movimentos populares e mudanças políticas no Norte da África e Oriente Médio

O primeiro trimestre de 2011 nos trouxe alterações significativas no contexto mundial, marcadas por um elemento fundamental: a surpresa. Muitos dos países árabes são governados há anos pelos mesmos líderes em regimes não democráticos. Não era esperado que uma onda de protestos se disseminasse rapidamente por vários países e, rapidamente, duas nações tivessem seus governos ditatoriais depostos.

A Revolução de Jasmim

A Tunísia vinha sendo palco de protestos desde 17 de dezembro de 2010, a partir de um ato de indignação contra o desemprego na região central do país, quando um jovem comerciante ateou fogo ao próprio corpo. A partir daí, os protestos se espalharam. A resposta das autoridades foi violenta. Milhares de pessoas, entre estudantes, sindicalistas e membros de partidos de oposição, passaram a protestar. Ao menos 78 pessoas morreram durante as manifestações, que se estenderam por um mês. Em 14 de janeiro de 2011, o presidente da Tunísia, Zine El Abidine Ben Ali deixou o poder, que ocupava desde 1987 de forma não democrática.

As manifestações levaram à queda do presidente da Tunísia contagiaram, através de um “efeito dominó”¹, vários países da região, onde foram adotados os lemas dos manifestantes tunisianos. Em 20 de janeiro de 2011, uma onda de protestos e autoimolações se estendia à Argélia, Egito, Jordânia, Mauritânia e Iêmen. Em 26 de janeiro deste ano as revoltas atingiram também o Senegal, Líbia, Iraque, Irã, Bahrein e Djibuti.

A Revolução da Praça Tahrir

A exemplo do que aconteceu na Tunísia, muitos egípcios passaram a queixar-se da pobreza, desemprego e da repressão governamental. Em 25 de janeiro de 2011, que ficou conhecido como “Dia de Fúria”, milhares foram às ruas do Egito em diversas cidades. 365 pessoas foram mortos durante os 18 dias de protestos, até que em 11 de fevereiro, o ditador Hosni Mubarak, que ocupava o poder há 30 anos, renunciou. As redes sociais e a comunicação global em tempo

real certamente contribuíram para a agilidade e repercussão do fenômeno.

A Crise na Líbia

Dentre os países atingidos pela onda de protestos no mundo árabe, Kadafi realiza a mais feroz e violenta repressão contra os opositores antirregime. O ditador líbio chegou ao poder em 1969 por meio de um golpe militar e, desde então, dirige o país sem Parlamento ou Constituição. A situação da Líbia é diferente das rebeliões populares que derrubaram os ditadores do Egito e da Tunísia. O país está em guerra civil, pois parte dos militares se mantém fiel ao ditador, enquanto no Egito e Tunísia as Forças Armadas mantiveram neutralidade, desobedecendo as ordens de repressão aos manifestantes.

Tamãha repressão deu origem à intervenção externa: em 7 de março de 2011 os seis países do Conselho de Cooperação do Golfo² denunciaram o regime de Kadafi como ilegítimo, e a Liga Árabe apoiou uma zona de exclusão aérea. A operação na Líbia é o primeiro ataque de forças ocidentais³ a um país árabe desde a invasão do Iraque, que completou oito anos. Após um mês de conflito, em 17 de março de 2011, a ONU aprovou intervenção internacional⁴, com a imposição de uma zona de exclusão aérea na Líbia e a adoção de todas as medidas necessárias para impedir o massacre de civis por tropas do ditador Muamar Kadafi.



[1] A Teoria do Dominó, atribuída a John Foster Dulles, Secretário de Estado norte americano na década de 50, dizia que caso um país ou região aderisse ao socialismo, os países próximos acabariam sofrendo grande influência, o que, consequentemente, os tornariam socialistas também. No caso em questão, os lemas dos protestos tunisianos acabaram se disseminando para os países do Norte da África e Oriente Médio.

[2] A organização é integrada por Omã, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Qatar, Bahrein e Kuwait.

[3] A ação das forças ocidentais fez reacender a discussão iniciada por Samuel Huntington através da teoria do Choque de Civilizações. O autor caracteriza o mundo através de diferentes civilizações e argumenta que as diferenças culturais e religiosas dos povos são as principais fontes de conflito. As civilizações Ocidental e Islâmica, por exemplo, são caracterizadas, através de Huntington, por uma grande rivalidade, o que cria um questionamento sobre o real interesse da atuação das forças ocidentais nesses países islâmicos.

[4] A medida recebeu dez votos favoráveis (EUA, Reino Unido, França, Líbano, Bósnia e Herzegovina, Colômbia, África do Sul, Nigéria, Gabão e Portugal) e cinco abstenções: Brasil, China, Rússia, Índia e Alemanha.

Da crise de desfecho imprevisível no norte da África e Oriente Médio, permanecem incertezas que são somadas àquelas decorrentes da crise nos países ricos e, mais recentemente, da tragédia do terremoto, tsunami e acidente nuclear no Japão. Não há um fim claro à vista para a turbulência que tem varrido o mundo árabe, mas pode-se dizer que desses acontecimentos já despontam algumas tendências:

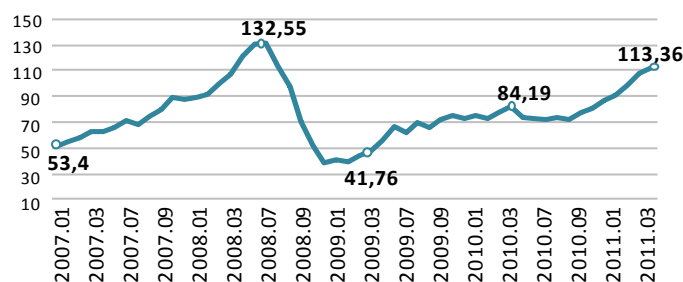
1. A instabilidade política no Oriente Médio e os ataques das forças internacionais de coalizão à Líbia devem pressionar ainda mais os preços do petróleo a curto prazo, que já subiram 25% este ano. Apesar da produção no país – que tem a nona maior reserva de petróleo do mundo, a maior de toda África e é um dos principais fornecedores da Europa – já estar parcialmente paralisada, a perspectiva de que instalações da indústria petrolífera sejam danificadas deverá elevar as cotações da commodity⁵. E, além disso, permanecem os temores de que o caos na Líbia possa contaminar os países exportadores de petróleo no Golfo Pérsico. Outros países da região como Argélia, Síria, Iêmen ou Arábia Saudita também apresentam altos níveis de insatisfação social, o que mantém elevado o risco de continuação das tensões.

A implicação direta dessa elevação nos preços do petróleo é a imposição de entraves à recuperação das economias da Europa, EUA e Japão. Altas persistentes nos preços do petróleo ou de outras commodities representariam uma ameaça tanto ao crescimento econômico como à estabilidade geral dos preços. A Agência Internacional de Energia afirmou que esses países podem ser forçados a gastar este ano US\$ 200 bilhões a mais com importação de petróleo do que em 2010⁶. Nos principais países emergentes já havia uma forte preocupação com a inflação e agora existe a possibilidade de agravamento da situação. No Brasil, segundo cálculos da equipe econômica do banco HSBC, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) subirá meio ponto percentual se o barril chegar a 120 dólares e a Petrobras repassar o aumento para os postos de gasolina⁷.

A cotação do petróleo atingiu o maior nível em dois anos e meio, subindo quase 25% no primeiro trimestre do ano. O barril do Brent, referência da Europa, que passou de US\$ 100 em janeiro, fechou a US\$ 117,25 em 31 de março, enquanto o barril de referência dos EUA fechou a US\$ 106,72 o barril⁸.

COTAÇÃO MENSAL (MÉDIA) DO PETRÓLEO

US\$ - 2007 A 2011



Fonte: Cesta de referência da Opep (ORB). Fundo Monetário Internacional, International Financial Statistics (FMI/IFS), OPEP.

No longo prazo, no entanto, é improvável que o mundo enfrente escassez de petróleo devido à instabilidade política da região. Independente do regime, o petróleo é a fonte principal de receita dessas economias, e provavelmente continuará sendo.

2. Intensificação dos investimentos para a localização e extração de petróleo em outras partes do mundo, uma vez que se tornou mais arriscado para os países compradores depender de uma região tão propensa a conflitos. Esta tendência não é nova, mas será intensificada. Nas últimas décadas, as Américas do Sul e Central foram as regiões que apresentaram maior crescimento do volume de reservas desde 1989 — a região respondia por 7% das reservas mundiais e hoje detém quase 15% do total, puxado principalmente pelas descobertas brasileiras no pré-sal⁹, abrindo os mercados para o petróleo brasileiro. De acordo com o relatório Energy Outlook 2030, da petroleira europeia BP, o Brasil é apontado como um dos grandes produtores mundiais de petróleo do futuro.

3. Pressão pelo aumento das liberdades econômicas, sociais e políticas. Não está totalmente claro que efeitos o ocorrido na Tunísia e no Egito poderá ter sobre as outras nações. É fato que na região há uma série de países governados por líderes sob regime parecido que encontram as mesmas dificuldades socioeconômicas, restrições à liberdade pessoal e corrupção endêmica. Se isto está longe de ser suficiente para a “previsão” de novas deposições no curto prazo, pelo menos indica que, no longo prazo, os governos

^[5] Fonte: “Ataques à Líbia devem levar petróleo a nova alta” (O Globo, 21/03/2011) e “Grupos tribais dominam campos petrolíferos” (Valor Econômico, 01/03/2011)

^[6] Fonte: “Conta de petróleo dos países ricos pode subir US\$200 bi” (Valor Econômico, 01/03/2011)

^[7] Fonte: “Energia - O poder do petróleo” (Exame, 09/03/2011)

^[8] O WTI (West Texas Intermediate) é o petróleo comercializado na Bolsa de Nova York, e se refere ao produto extraído principalmente na região do Golfo do México; já o Brent é comercializado na Bolsa Londres, tendo como referência tanto o petróleo extraído no Mar do Norte como no Oriente Médio. Por esse motivo, o Brent é referência de valor para a commodity no mercado europeu e o WTI, no mercado americano. Há diferenças também no grau de leveza desses petróleos. O WTI é mais leve e, portanto, mais fácil de ser refinado.

^[9] Fonte: “Energia - O poder do petróleo” (Exame, 09/03/2011)

difícilmente poderão contar com a passividade da população, postergando as reformas que respondam às suas demandas essenciais.¹⁰

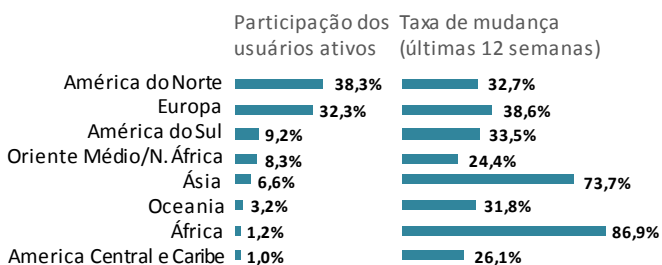
Ainda é possível olhar para além disso: A insatisfação com a alta dos preços ou com o nível de desemprego pode ter dado início às manifestações, mas a velocidade com que os manifestantes voltaram suas atenções para a reforma política surpreendeu a todos. A partir de protestos em busca de melhores condições de vida, acabaram por revelar demandas por liberdade e democracia.

4. Fortalecimento das redes sociais como poderoso instrumento de informação, comunicação e mobilização social. Afirma-se cada vez mais o poder das redes digitais - acesso à internet e as redes sociais – como ferramenta de comunicação em massa e mobilização. É comumente difundido na mídia a ideia de que os movimentos tenham nascido nas redes sociais e se espalhado da realidade virtual para as ruas. Na história recente, a participação do das redes sociais digitais foi destaque em outras manifestações como os protestos no Irã contra a reeleição do presidente Mahmoud Ahmadinejad em 2009. Os protestos sociais na Tunísia e no Egito evidenciam a força e agilidade das redes sociais na mobilização da sociedade contra o controle do Estado.

5. Reposicionamento da comunidade internacional, que passa a dar relevância maior à questão dos direitos humanos, em detrimento de considerações políticas e estratégicas¹¹. Diferentemente de situações anteriores, como a invasão militar no Iraque, liderada pelos Estados Unidos, motivada pela busca por armas de destruição em massa, a justificativa da intervenção militar da coalizão ocidental na Líbia foi a proteção da vida dos civis líbios. O Conselho de Segurança da ONU resolveu, por unanimidade, pedir a intervenção do Tribunal Penal Internacional para julgar Kadafi por crimes contra a humanidade.

Emerge uma tendência de maior peso aos direitos humanos nas relações internacionais, puxada pelo reposicionamento norte americano. Analistas apontam um grau de intervenção bastante distinto do usual em relação à intervenção militar na Líbia: o governo dos Estados Unidos preferiu agir menos, sem uma postura de liderança e estabelecendo metas distintas e limitadas. Isto em parte foi atribuída à visão de mundo do presidente Barack Obama, e em parte reflete a postura de um país abalado pelos crescentes custos das guerras no Afeganistão e no Iraque, combinados com os da crise financeira em 2008¹².

USUÁRIOS ATIVOS DO FACEBOOK POR REGIÃO



Fonte: "Facebook Demographics: Trends" - O'Reilly Research, 2009.

- "Twitter é bloqueado no Egito após protestos contra presidente" (Época Negócios, 25/01/2011)
- "Cairo fecha vias e limita o acesso às redes sociais" (Folha de S. Paulo, 27/01/2011)
- "Movimento antiMubarak teve início na internet" (Folha de S. Paulo, 28/01/2011)

^[10] Fonte: "A liberdade árabe vale um choque" (Valor Econômico, 02/03/2011)

^[11] Fonte: "Manter Kadafi sob pressão e a unidade" (O Globo, 03/03/2011)

^[12] Fonte: "Déficit e dívida limitam as opções dos EUA na intervenção na Líbia" (Valor Econômico, 22/03/2011)

JAPÃO: OS IMPACTOS DO DESASTRE NATURAL E NUCLEAR

Usinas nucleares brasileiras seriam mais seguras que japonesas

Os recentes eventos com as usinas nucleares no Japão reacenderam as dúvidas em relação à segurança do programa nuclear energético brasileiro. As usinas nucleares de Angra dos Reis utilizaram, porém, tecnologia mais segura do que as japonesas em questão segundo especialistas. Em caso de desastre como terremotos e tsunamis, as centrais brasileiras teriam maiores condições de evitar um vazamento de radioatividade no meio ambiente, pois contam com mais elementos de segurança que garantiriam um resfriamento mais eficiente e seguro em caso de um acidente. Dúvidas acerca da localização da usina, em uma área propensa a deslizamentos, porém, também foram postas em cheque após o incidente japonês como fonte de possíveis riscos ao complexo. O Brasil atualmente planeja construir mais uma usina em Angra além de outras centrais em locais ainda não definidos.

Fonte: “Angras 1 e 2 teriam tecnologia mais segura” (O Globo, 14/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Efeitos do tsunami na indústria automobilística japonesa

A indústria automobilística japonesa foi uma das mais afetada pelo desastre no país, boa parte de sua produção teve de ser interrompida. A Toyota interrompeu parte da operação de suas 12 unidades no país, que responderam por 43% da produção total da montadora em 2010. A Honda interrompeu temporariamente toda a produção no país. As fábricas japonesas correspondem a cerca de 20% da operação da empresa. Além dos danos físicos as plantas, o racionamento energético é uma ameaça ao funcionamento normal de tais empresas. Analistas temem que o impacto do desastre também afete a oferta e os preços de componentes eletrônicos. Produtores de chip no Japão faturaram US\$ 63,8 bilhões em 2010 e responderam por 25% do mercado mundial de semicondutores.

Fonte: “Montadoras japonesas interrompem produção” (Folha de S. Paulo, 15/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Aumento do nível de radiação coloca cidades japonesas em alerta

A chegada de consideráveis níveis de radiação em Tóquio tem colocado a cidade em estado de alerta e aumentado os temores de um desastre nuclear em grande escala no Japão. Diversas empresas estrangeiras estão retirando seus funcionários da cidade e a população está estocando água, comida e outros gêneros básicos além de planejar rotas de fuga. A radioatividade detectada em Tóquio, porém, ainda não é capaz de causar danos e somente as pessoas em Fukushima e arredores precisam ser imediatamente retiradas e protegidas. Outras cidades e até mesmo países da região também começam a se preocupar com a possibilidade de aumento dos níveis de radiação emitidos pela usina avariada caso a situação piore.

Fonte: “Radiação chega a Tóquio e mergulha cidade no medo” (O Globo, 16/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Recuos em programas nucleares podem acelerar o aquecimento global

Os possíveis recuos em programas nucleares em diversos países do mundo teriam como efeito o aumento do aquecimento global. Caso, por exemplo, a China, um dos maiores emissores de CO₂ do mundo, desista do seu programa nuclear, é inevitável que sua crescente demanda por energia tenha de ser suprida por fontes mais poluentes. O mesmo aconteceria em outros países em desenvolvimento e, em menor escala, nos países desenvolvidos. O Japão, que já era o quinto maior emissor de carbono do mundo antes do tsunami levar ao fechamento de várias de suas usinas nucleares, também não teria outra alternativa além de utilizar mais usina a gás e carvão para compensar a perda provocada pelo fechamento dos reatores.

Fonte: “Recuo da energia nuclear aquecerá mais o planeta” (Valor Econômico, 17/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Setor de turismo no país sofre com incertezas

O setor de turismo japonês está apreensivo com a magnitude dos impactos que o tsunami, em especial o acidente nuclear no país, possa ter. Tal setor movimenta US\$ 296 bilhões e antes de poder se recuperar terá de ver uma solução para a crise, segundo a Keidanren, maior associação empresarial do país. Quedas no turismo são normais após desastres naturais, porém a emergência derivada da crise nuclear apresenta uma situação nova e mais grave em comparação a desastres comuns que deve impactar, por muitos meses e de forma grave. A Agência Japonesa de Turismo havia estabelecido uma meta de 10 milhões de visitantes para 2011, após não ter conseguido atingir esse nível no ano passado em meio a valorizações do iene e planejava algo em torno de 15 milhões de visitantes para 2013.

Fonte: “Setor de turismo no país sofre com incertezas” (Valor Econômico, 18/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Catástrofe bota em cheque modelo “just in time” da indústria japonesa

Problemas na indústria e rede logística no Japão estão deixando diversas empresas apreensivas e colocando dúvidas em relação ao modelo “just in time”. Tal modelo, criado no Japão para entregar de peças a matérias-primas só quando são necessárias de modo a diminuir custos, seria muito vulnerável a choques inesperados no suprimento. Especialistas em logística dizem que as consequências do desastre revelaram pontos fracos em uma série de setores globalizados, como o eletrônico.

Fonte: “Falta de peças japonesas cria gargalo em vários setores” (Valor Econômico, 18/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

“Japão põe em xeque logística das empresas” (Valor Econômico, 18/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Radiação ameaça produção agrícola e pesca no Japão

Sinais de contaminação de produtos japoneses por radiação podem afetar a produção e as exportações do país. O Japão não é um importante exportador de alimentos, mas vende alguns itens de alto valor agregado e diversos produtores temem que tais produtos podem ser retirados de prateleiras de supermercados e barrados para a exportação caso sejam detectados níveis excessivos de radiação. O mesmo pode ocorrer com relação ao pescado japonês. O temor de contaminação também está mudando as rotas de cargueiros. Empresas de transporte marítimo da Alemanha estão evitando os portos da Baía de Tóquio. No setor, a avaliação ontem era que se esse movimento se ampliar, o Japão poderá passar a sofrer com uma série de gargalos em sua cadeia de distribuição.

Fonte: “Japão detecta radiação em alimentos” (Folha de S. Paulo, 20/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

“Países vetam importação de alimentos japoneses” (Valor Econômico, 25/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

“Radiação ameaça afetar a venda de produtos japoneses” (Valor Econômico, 21/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Primeiras estimativas do custo da reconstrução no Japão

A reconstrução do Japão após o terremoto seguido de tsunami pode levar até cinco anos e o prejuízo que pode chegar a US\$ 235 bilhões, segundo um relatório do Bird. Os prejuízos no país devem ser o equivalente a 4% do PIB, mas os esforços de reconstrução devem estimular a economia segundo o banco. O Bird acredita que a economia japonesa contrairá nos próximos trimestres, mas deve se recuperar com a aceleração dos esforços de reconstrução. O governo e a oposição japoneses estão negociando aumentar impostos para financiar a reconstrução das áreas afetadas pelo terremoto e tsunami que atingiram o país. O maior lobby empresarial do país disse apoiar a medida assim como 67,5% da população segundo pesquisa divulgada pelo governo.

Fonte: “Reconstrução deve levar até 5 anos, diz o BIRD” (Valor Econômico, 22/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

“Por reconstrução, Japão pode subir imposto” (Valor Econômico, 29/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

“Desastre - A marcha da reconstrução do Japão” (Exame, 23/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Defesa Civil brasileira promove mudanças para prevenir catástrofes

A Defesa Civil brasileira vai passar por uma reformulação geral para atuar em prevenção de catástrofes e não apenas em ações de recuperação. Foi criada uma força-tarefa, coordenada pela Casa Civil, envolvendo os ministérios da Justiça, Cidades, Ciência e Tecnologia, Defesa, Integração e Agricultura. As mudanças climáticas no Brasil e no mundo e a maior constância de desastres naturais tem motivado tal reformulação. Em tempos de grandes desastres naturais dentro e fora do Brasil, a preocupação do governo é mudar a forma de atuação da Defesa Civil. Haverá uma estrutura para prevenção de catástrofes, com centro de monitoramento, mapa de áreas de risco, treinamento de equipes e profissionalização da atividade. Em três meses, o governo espera ter um mapeamento detalhado das regiões mais vulneráveis do país e suas características geológicas.

Fonte: “Defesa civil muda para prevenir catástrofes” (Valor Econômico, 23/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Países desenvolvidos estariam esgotando suas capacidades de reação a crises

O prejuízo financeiro causado pelas crises no Japão e na Europa está colocando em cheque a capacidade de determinados países ricos de arcar com os custos de outras situações extremas. O Japão é o país desenvolvido com o governo mais endividado do mundo. Na Europa, Portugal pode logo se tornar o mais recente país da região a precisar de um pacote de resgate. A média de endividamento dos governos nacionais dos países do Primeiro Mundo era de 74% do PIB em 2010, mais que o triplo do nível de 1970, e o maior nível desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Enquanto isso, a capacidade dos países ricos de quitar essas dívidas está diminuindo. Suas economias, maduras, crescem mais lentamente que as do mundo emergente, sua população em envelhecimento diminui a renda necessária para pagar as despesas crescentes com saúde e aposentadoria, e o seu alto nível de tributação enfrenta agora forte oposição no campo político.

Fonte: “Crises põem países ricos no limite” (Valor Econômico, 28/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

MOVIMENTOS POPULARES E MUDANÇAS POLÍTICAS NO NORTE DA ÁFRICA E ORIENTE MÉDIO

Instabilidade política nos países Árabes causa inquietação no mercado de petróleo

Apesar da maior globalização da produção desde a década de setenta, a região árabe ainda fornece 35% do petróleo mundial. Com a crise na Líbia, a produção do país caiu nos últimos meses. Apesar dos temores, a OPEP afirma ter 6 milhões de barris dia suficientes suprir a fatia da Líbia no mercado. Entretanto, o petróleo Saudita, principal substituto ao Libanês, é mais denso, causando um problema para as refinarias Europeias que não estão acostumadas com esse tipo de produto. Merece atenção também a situação no Iêmen, Irã, Argélia e Bahrein que, mesmo não sendo um grande produtor, é de importância estratégica como porto no golfo pérsico. Entre as economias ricas, a Americana é a que deve sofrer o maior impacto imediato devido ao uso intensivo de petróleo e as já baixas taxas de importação. O risco de inflação preocupa principalmente em países em desenvolvimento como Índia, China, Indonésia e Malásia.

Fontes: "Oil and the Arab world's unrest. Oil pressure rising. The world is badly placed to cope with another oil crisis" (The Economist, 24/02/2011)

■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

"Oil markets and Arab unrest. The price of fear. A complex chain of cause and effect links the Arab world's turmoil to the health of the world economy" (The Economist, 03/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Atuação do Brasil como um dos observadores internacionais da crise na Líbia

Rejeitando as acusações de assassinato de opositores, o ditador líbio, Muammar Gaddafi, propôs, no início do mês de março de 2011, a formação de uma comissão de observadores internacionais formada por Brasil, União Africana (UA) e a Organização da Conferência Islâmica para examinar a crise no país. Num discurso de duas horas e meia a uma plateia de cerca de mil pessoas, incluindo os chefes dos corpos diplomáticos ainda presentes na capital e jornalistas estrangeiros, Gaddafi disse ainda que pretende substituir empresas e bancos ocidentais que atuam no país por outros do Brasil, Rússia e China.

Fonte: "Kadafi quer Brasil como observador da crise" (O Globo, 03/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Incertezas sobre o controle dos campos de petróleo e gás líbios

Pouco tempo após o início dos protestos na Líbia, opositores do ditador Muammar Gaddafi já controlavam a maior parte dos campos de petróleo e de gás natural do país. Esses novos "donos" das reservas líbias são tradicionais grupos familiares, ou tribais, que ainda têm influência nos hábitos sociais e alguma relevância na política local. O presidente da companhia estatal líbia National Oil admitiu que a produção de petróleo reduziu 50%, muito em função da saída maciça de funcionários estrangeiros que trabalhavam no setor petrolífero da região. Ele também insistiu que o governo de Gaddafi é quem continua controlando campos, refinarias e oleodutos do país. Essa situação de incerteza sobre quem controla os campos líbios cria um impasse para as petroleiras, ao dificultar que os reais proprietários do petróleo recebam o que essas empresas pagam para explorar o recurso na região. Se um novo governo assumir o controle do país, por exemplo, essas companhias não teriam garantia de que um novo presidente não exigiria pagamentos já feitos para os poderes locais.

Fonte: "Grupos tribais dominam campos petrolíferos" (Valor Econômico, 01/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Operações da Vale em Omã são afetadas por protestos

A onda de protestos nos países árabes chegou a Omã e levou a empresa brasileira Vale a suspender, temporariamente, os trabalhos de comissionamento, ou testes de produção, de sua planta de pelletização no distrito industrial de Sohar, a noroeste da capital, Mascate. A Vale está investindo US\$ 1,356 bilhão em um complexo industrial em Omã, composto por duas unidades de pelletização, com capacidade nominal de produção de 4,5 milhões de toneladas cada. O governo de Omã tem participação minoritária de 30% no projeto, que será um hub para produtos de minério de ferro no Oriente Médio, Ásia e norte da África. Além disso, a empresa assinou um acordo de longo prazo com a Omã Shipping Company para construção de quatro navios com capacidade de 400 mil toneladas cada, que serão dedicados ao transporte de minério para as pelletizadoras.

Fontes: "Protesto em Omã atinge distrito em que Vale investe" (Valor Econômico, 01/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

"Vale paralisa teste na nova planta de Omã" (Valor Econômico, 02/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Egito e Tunísia já avançam, mas ainda tem um longo caminho rumo à democracia

Os países tiveram processos parecidos de revolução, e as semelhanças continuam na reconstrução. As capitais sofrem com o aumento da criminalidade e os empresários reclamam da queda na demanda e de imprevisibilidade. Revoltas ainda ocorrem em instituições dirigidas por eleitos pelos partidos vencidos; como universidades, empresas estatais e agências. Estas, por sua vez, acontecem sem recriminação. A imprensa, acostumada à censura, empreende no jornalismo livre. Os desafios agora são referentes à concepção de nova constituição e de Estados democráticos pluralistas, formalizados o quanto antes, mas desvinculados da máquina política até então existente.

Fontes: "Revolution in Egypt and Tunisia. It's not over yet. The countries that started the wave of Arab change both have a long way to go" (The Economist, 03/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

"The Arab uprisings. Democracy's hard spring. Once the protests are over, institutions need building up—often from scratch" (The Economist, 10/03/2011)

■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Grande número de refugiados em decorrência da situação caótica na Líbia

Cerca de 300 mil pessoas, mais que 4% da população, já teriam deixado a Líbia, fugindo dos confrontos. Estima-se que esse número aumente para 400 mil, enquanto mais de um milhão de pessoas necessitam de assistência humanitária na região. Em Nova York, a ONU já suspendeu a Líbia do seu Conselho de Direitos Humanos. Já os Estados Unidos disseram que pretendem investigar o papel de Gaddafi no atentado contra um voo da Pan Am em Lockerbie, na Escócia, em 1988, que deixou 270 mortos.

Fontes: "ONU já fala em "crise" de refugiados" (Folha de S. Paulo, 02/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

"ONU: crise de refugiados na Líbia afeta um milhão" (O Globo, 08/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Maioria dos países Árabes tem aumentado seus subsídios

O recente aumento do preço dessas commodities no mercado internacional tem provocado uma inflação dos Estados Árabes. Os preços da região, especialmente de comida e combustível, há muito são controlados pelos governos. A Arábia Saudita lidera o ranking de gastos, enquanto Egito, Jordânia, Líbia, Omã e Síria aumentaram os salários de seus funcionários públicos. Kuwait, por exemplo, está oferecendo comida gratuita a todos por 14 meses. A medida tem cunho político, mas não adiantou para Mubarak, no Egito, que caiu mesmo com o aumento dos salários e subsídios. A maioria dos países parece ter dinheiro para arcar com os gastos, mas as consequências podem ser desastrosas.

Fonte: "Arab economies. Throwing money at the street. Governments throughout the Middle East are trying to buy off trouble. They may be storing up more" (The Economist, 10/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Aumento da onda de protestos na Síria e Iêmen

Cerca de 10 mil pessoas clamaram por uma revolução nacional na Síria, durante o funeral de dois dos quatro manifestantes que foram mortos pelas forças oficiais. O protesto foi um dos maiores registrados no país desde o início das revoltas árabes. Há dez anos no poder, depois de suceder o pai (Hafez, que ficou 29 anos no poder), o presidente sírio Bashar Assad, alvo de constantes denúncias de abusos contra os direitos humanos, controla o país de modo autoritário. O presidente Assad já aceitou a renúncia de seu gabinete depois de sucessivos protestos ocorridos. No Iêmen, as forças de segurança já tiveram de usar tanques para conter a multidão que vai às ruas para protestar contra ditador Ali Abdullah Saleh, há 32 anos no poder.

Fontes: "10 mil pedem "revolução" em funeral na Síria" (Folha de S. Paulo, 20/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

"Discurso de Assad gera expectativa na Síria" (Valor Econômico, 30/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Alianças no mundo Árabe estão em processo de mudança

Os 22 países membros da Liga Árabe acordaram em favor da intervenção da ONU na Líbia. A decisão foi tomada, em partes pelo desgaste diplomático de Kadafi, em partes pelo sentimento anti Kadafi na região, fomentado pela Al Jazeera. Apesar disso, nada indica que a Liga entrará na guerra. Arábia Saudita, tradicional líder do grupo e aliado Egípcio, ainda sente a queda de Mubarak. Além disso, outros países passam por levantes e instabilidades políticas.

Fonte: "The Arab world's reaction. Scotching the snake. Muammar Qaddafi is universally reviled. But rulers have their own restive people to worry about" (The Economist, 24/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Crescimento da migração africana para a Europa

Nos primeiros meses de 2011, em meio à onda de rebeliões que se propagou a partir da Tunísia, Lampedusa já recebeu 6.000 refugiados. As revoltas derrubaram ou abalaram ditadores que haviam negociado com a Europa uma série de benefícios, inclusive ajuda e prestígio diplomático, em troca de impedir os migrantes de cruzarem o Mediterrâneo. Muitos na Europa temem enfrentar novas levadas de migração ilegal, não só do norte do continente como também da África Subsaariana. Esses migrantes chegariam em um momento em que grande parte da Europa, preocupada com o desemprego e a estagnação econômica, está repleta de um sentimento anti-imigração, e muitos países dizem ser simplesmente incapazes de absorver imigrantes pobres.

Fonte: “Europa teme imigrantes após revoltas árabes” (Folha de S. Paulo, 21/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Presidente iemenita aceita deixar o cargo em 2012

O presidente do Iêmen, Ali Abdullah Saleh, disse que seu país irá se embrenhar numa guerra civil se ele for forçado a deixar o poder. Os Estados Unidos expressaram preocupação com a instabilidade no país árabe, que se tornou um reduto para militantes da Al Qaeda. Um assessor de Saleh disse que ele deixaria o cargo somente depois de organizar eleições parlamentares e estabelecer instituições democráticas, até janeiro de 2012, uma declaração que a oposição rejeitou. As diversas semanas de protestos incessantes contra o governo e deserções entre a elite dirigente aumentaram a pressão sobre Saleh para que renuncie imediatamente.

Fontes: “Líder do Iêmen aceita sair, mas só em 2012” (Valor Econômico, 23/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

“Encurralado, ditador do Iêmen ameaça guerra civil” (Folha de S. Paulo, 23/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

“Acuada, Arábia Saudita marca eleição municipal” (Valor Econômico, 24/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Nos Estados Unidos, ação militar na Líbia recebe grande apoio

Segundo pesquisa da Reuters/Ipsos, sessenta por cento dos norte-americanos apóiam a ação militar dos Estados Unidos e aliados na Líbia para impor a zona de exclusão aérea e proteger civis das forças leais a Muammar Gaddafi. Dos entrevistados, 48% descreveram a liderança militar do presidente Barack Obama como “cautelosa e ponderada”, 36% como “indecisa e vacilante”, e 17% como “forte e decidida”, ao responder a uma pergunta que só oferecia estas três opções. 79% dos indagados disseram que os Estados Unidos e seus aliados deveriam tentar depor Gaddafi, que governa a Líbia há mais de quatro décadas. Este resultado é semelhante ao de uma pesquisa da CNN que mostrou que 77% dos entrevistados disseram ser muito importante ou algo importante retirar Gaddafi do poder. Na pesquisa Reuters/Ipsos, somente 7% apoiaram o uso de tropas terrestres e 60% foram a favor da ação militar líbia, sendo que 20% demonstraram forte apoio e 40% algum apoio. 25% se opuseram em parte a ela, e 14% manifestaram forte desaprovação.

Fonte: “Nos Estados Unidos, 60% apóiam ação militar na Líbia - pesquisa” (Reuters, 24/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Crise na Líbia impõe dúvidas sobre a quantidade de gasolina importada pela Petrobras

A Petrobras espera um rápido desfecho do conflito na Líbia e o início, em abril de 2011, da safra de etanol do Centro-Sul para não precisar aumentar nem o preço nem a quantidade importada de gasolina. O diretor de abastecimento da empresa estatal, contudo, não descarta a possibilidade de fazer nova importação além do 1,5 milhão de barris previstos para chegar em abril de 2011. A empresa vem fazendo um grande esforço para aumentar a produção de gasolina das suas refinarias, promovendo, inclusive, a troca de equipamentos.

Fonte: “Petrobras pode importar mais gasolina se etanol não baixar” (Valor Econômico, 30/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Governo norte-americano pretende reduzir a importação de petróleo

Em uma resposta política aos recentes aumentos no preço da gasolina, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, anunciou um plano para reduzir em um terço as importações de petróleo em pouco mais de uma década. O governo americano segue, porém, disposto a diversificar seus fornecedores de petróleo, comprando mais de países como o Brasil, apesar das críticas que Obama recebeu de alguns brasileiros por ter oferecido apoio para desenvolver a produção no Pré-sal. A meta é que as importações de petróleo, que somaram 11 milhões de barris diários quando Obama foi eleito, em 2008, caiam em um terço até 2025, por meio da adoção de regras para ampliar a eficiência dos motores, incentivos para a exploração de petróleo e gás em território norte-americano e apoio ao desenvolvimento de novas fontes de energias limpas, como biocombustíveis e energia nuclear. O preço da gasolina nos Estados Unidos acompanha a cotação do petróleo nos mercados internacionais. A cada alta de dez dólares no barril, a gasolina fica 25 centavos de dólar mais cara.

Fonte: “Obama quer cortar em 1/3 a importação de petróleo” (Valor Econômico, 31/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Crise Árabe deve prejudicar investimentos na região

O Oriente Médio possui grande parte dos recursos de hidrocarbonetos do mundo e, como resultado, muitos de seus países são grandes exportadores de capital. Apesar disso, o investimento estrangeiro continua a ser vital para a maioria das economias na região. Os países importadores de petróleo do norte da África, por exemplo, necessitam de investimentos para impulsionar o crescimento econômico e reduzir a alta taxa de desemprego, especialmente entre os jovens. Os países do Golfo Pérsico, ricos em petróleo, também querem ser destino para o investimento estrangeiro (IED) direto, principalmente para diversificar suas economias, reduzindo sua dependência dos hidrocarbonetos e criando mais empregos no setor privado. No entanto, a persistente instabilidade em todo o mundo árabe muito provavelmente deprimirá o IED na região, pois as empresas internacionais estão cancelando ou adiando investimentos e projetos até que o panorama político fique mais claro. O declínio do IDE ficará particularmente evidente nos conflagrados países árabes do norte africano, os que mais dele necessitam.

Fonte: “Crise Árabe deve prejudicar investimentos na região” (Valor Econômico, 31/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

A ação internacional para proteger os civis na Líbia é vital

Presidente da ONU, Ban Ki-moon, diz ser crucial que a comunidade internacional continue a exercer plena diligência, com ações decisivas e rápidas, para evitar a campanha de violência praticada pelo regime líbio contra sua população. Segundo o presidente, a resolução não tem como objetivo a troca do regime, mas a proteção a população, pois as autoridades do país repetidamente alegaram ter instituído um cessar fogo, entretanto, não mostram esta evidência.

Fonte: “Speedy, decisive international action to protect civilians in Libya is vital – Ban” (United Nations News Centre, 24/03/2011) ■ [ACESSE A FONTE AQUI](#)

Sobre a **Macroplan**

A **Macroplan Prospectiva Estratégia & Gestão** é uma das mais experientes empresas brasileiras de consultoria em cenários prospectivos, administração estratégica e gestão orientada para resultados.

Com sedes no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Vitória, a Macroplan oferece aos seus clientes um trabalho personalizado, diferenciado e inovador, que alia uma experiência de 21 anos de atuação à capacidade de desenvolver e implantar soluções de sucesso compatíveis com a realidade de cada cliente.

A Macroplan trabalha “sob medida”, com um estilo de atuação que alia discrição, criatividade e muita dedicação, buscando alternativas mais eficazes que atendam às necessidades do cliente.

Acumulando mais de 270 mil horas de trabalho, a Macroplan já desenvolveu mais de 250 projetos de consultoria para grandes e médias empresas, instituições governamentais e entidades educacionais e tecnológicas.

Com uma equipe composta por mais de 40 profissionais de formação multidisciplinar e uma ampla rede de consultores associados, todos com sólida experiência nas áreas de atuação da consultoria, a empresa agrega competências que a qualificam para atuar com proficiência tanto no setor privado, como em instituições públicas.



A exploração do futuro com o uso de **cenários**

► O que são cenários?

São configurações de futuros possíveis para um sistema e seu contexto e do caminho ou trajetória que os conecta com a situação inicial. Descrevem histórias de futuros plausíveis, sendo, dessa forma, uma poderosa ferramenta de antecipação para o planejamento.

► Para que servem ?

Prever o futuro é impossível. Cenários não se propõem a fazer isso. Tratam de explorar possibilidades de futuro em um mundo de grandes mudanças, mapeando e organizando as incertezas e tendências. São eficazes para antecipar futuros alternativos e assim melhorar as decisões tomadas no presente.

► Como devem ser utilizados?

Nenhum cenário “puro” ocorrerá integralmente como previsto. A realidade ‘mistura’ elementos dos diversos cenários. O futuro é uma construção dinâmica, múltipla e incerta. O desafio principal não é detectar “qual o futuro mais provável”, mas sim decidir “o que a devemos fazer se tal cenário vier a acontecer”.

O acompanhamento sistemático dos principais fatos econômicos e tendências sociais no mundo e no Brasil é uma prática valiosa para a reavaliação dos cenários e ‘calibragem’ das decisões estratégicas. Esta é a principal finalidade deste Boletim Mensal de Monitoramento dos Cenários da Macroplan.